

Uma Análise do Discurso à Linha Francesa

Cleidenir Regina Meinerz de Oliveira

RESUMO

Este trabalho está fundamentado na teoria da Análise do Discurso da linha francesa que tem como seu fundador M. Pêcheux, e foi difundida no Brasil por Eni Orlandi. Esta teoria propõe compreender os processos de produção dos sentidos, considerando as condições de produção de um enunciado, e fazendo uma reflexão sobre a linguagem. Os primeiros habitantes do município de Apiacás foram os índios Apiaká e, devido ao processo de colonização, foram deslocados para uma reserva localizada no município de Juara- MT a 400 km de Apiacás. Atualmente os Apiaká mantêm relações freqüentes com os Kayabi. As duas nações estão próximas ao Rio dos Peixes. Como ficam distantes do município, não temos nenhum tipo de contato com os Apiaká. Através das entrevistas pude perceber como se deu a “saída” ou quase desaparecimento dos Apiaká, e esta se deu devido aos confrontos com colonizador e colonizado (garimpeiros, pioneiros, colonos). Assim a coleta de dados se deu através de entrevistas com relatos de pioneiros da comunidade apiacaense. Sabemos que quando falamos nos inscrevemos em uma determinada formação discursiva dada. Como seres sociais, influenciados pelo meio e, inconscientemente, reproduzimos uma ideologia posta. Faz-se necessário refletir sobre esses conceitos e através desse trabalho buscamos levantar alguns questionamentos sobre os sentidos que estão imbricados no discurso sobre a quase extinção do índio. Estes mostram a constituição dos processos de significação e sentidos que estão relacionados a esse povo. Ao final desse trabalho, espero estar contribuindo para uma mudança de sentidos em nossa sociedade a respeito do índio Apiaká.

RESUMO

This work is based on the theory of discourse analysis of the French line that has as its founder m. Pêcheux, and was widespread in Brazil by Eni Orlandi. This theory proposes to understand the production process of the senses, considering the conditions of production of an utterance, and doing a reflection on language. The first inhabitants of the municipality of Apiacás Indians Apiaká and, due to the process of colonization, were moved to a reservation in the municipality of Juara-MT to 400 miles of Apiacás. Currently the Apiaká maintain frequent intercourse with the Kayabi. The two nations are close to the river of fish. How to get away from the city, we don't have any contact with the Apiaká. Through the interviews can gather as the "output" or almost disappearance of Apiaká, and this was due to clashes with colonizer and colonized (prospectors, pioneers, settlers). So data collection through interviews with reports of pioneers of the community apiacaense. We know that when we speak we signed up in a particular discursive formation given. As social beings, influenced by half and, unconsciously, we reproduce an ideology set. It is necessary to reflect on these concepts and through that work we seek to raise some questions about the senses that are interwoven in the speech about the near extinction of the Indian. These show the formation of processes of signification and senses that are related to these people. At the end of this work, I hope to be contributing to a change of meaning in our society regarding Apiaka Indian.

OPÇÃO PELA TEORIA

Após ler o livro de Orlandi *Análise do Discurso Princípios e Procedimentos* (2000) percebemos que essa teoria já foi discutida por outros teóricos, e que não tem definições limitadas, ou seja, não há um conceito único para ela, e isso poderá ser a sua principal qualidade. Assim sendo, a Análise do Discurso (doravante AD) não fecha seus limites, ela não se coloca como uma escola, muito menos com especificidade doutrinatória, ou mesmo como uma disciplina. Ela permite que o campo se abra para as reflexões, atingindo desde análises discursivas de mecanismos lingüísticos precisos, como alguns termos gramaticais; ou lexicais, como análise de palavras em textos políticos ou mecanismos enunciativos como os jornalístico e o científico; ou ainda análises que refletem sobre a própria história dos conceitos como sujeito, textos, leituras...

Os objetivos dessas análises são diferenciadas e abrangem uma extensão ampla e variada de fatos de linguagem que são reguladas por um certo número de teses implícitas sobre a língua, a história e a enunciação.

M. Pêcheux (1969), fundador da AD, definiu o discurso como sendo efeito de sentidos e não como mero instrumento para transmitir informações. Ele revela ainda que, nos mecanismos de toda uma formação social, há regras de representação que estabelecem relações entre as situações no interior de um discurso; abrindo como perspectiva conhecimentos que atualmente se desenvolvem através de estudos que têm como ponto comum pensar a significação, a língua e ideologia, reintroduzindo a história em uma reflexão sobre a linguagem.

A AD trabalha justamente onde a língua faz sentido. E cada material de análise faz com que seu analista formule e mobilize conceitos que um outro não faria.

Uma análise depende muito das condições de produção, porque o sentido não está na palavra, e a AD trabalha com a possibilidade de outros sentidos, analisando primeiro o lugar antes da análise e a posição após a análise, e o sentido das palavras não está exatamente nelas mesmas, tem-se de ir além.

A AD trabalha a linguagem enquanto fato, e não enquanto dado. Procura compreender os relatos em que vários elementos são levados em conta: os interlocutores, o contexto da comunicação, e as condições sócio- históricas. Procura ter uma visão sobre o discurso, visando construir um método de compreensão dos sujeitos trabalhados com a linguagem.

A noção de memória é fundamental para que possamos entender os gestos de interpretação no material a ser analisado.

A AD não se prende a regras e a gramática, não privilegia só o conteúdo; tampouco considera o sujeito dono absoluto do dizer. Ela vai além do que está dito, observando os fatores históricos sociais que estão constituídos em um discurso.

O texto para Análise do Discurso é tomado como exemplar de discurso. Assim, não se analisa o sentido de um texto, mas como ele produz sentidos.

Em um texto estão contidas relações com significações históricas e sociais. Desse modo, é fundamental que compreendamos que a “formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi,2000: 43).

O que interessa para o analista de discurso é o “como” se fala, e são esses fragmentos que apontam aspectos importantes que serão utilizados na pesquisa, em que irão ser detectados pontos relevantes para o tema que vai ser analisado.

Ainda em relação as formações discursivas, Orlandi (Ibidem) coloca que:

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já dito aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outras é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. (Orlandi 2000: 43-44).

Quanto ao discurso, ele “não é nem um sistema de idéias, nem uma dispersão em ruínas, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”. Eni Orlandi ainda diz que a “noção de discurso supõe que no interior de uma língua, para a sociedade, um lugar, um momento definido, só uma parte do dizível forma um sistema e delimita uma identidade” (Idem,11).

Além disso, o discurso não é um aglomerado de textos, “ele é uma prática. E como toda prática, é constituído por ideologia” (Ibidem,12) não existindo discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia.

O *corpus* em análise do discurso é provisório. A delimitação do mesmo não segue critérios empíricos, mas teóricos.

A opção pela teoria da AD foi porque ela nos faz refletir sobre a linguagem impulsionando-nos a ir além do que está no enunciado, buscando o dito que não está dito. A AD busca uma reflexão sobre a linguagem e não a considera algo frio, é lugar de emoção, de debate, de resistência e também de opressão, “não é transparente mas sim opaca, as palavras não têm sentido único, estará sempre se alterando conforme a posição relativa ocupada pelos sujeitos no momento em que enunciam” (Mariane, 1993:99). A linguagem é lugar de emoção, de debate, de resistência e também de pressão.

Enfim, a Análise do Discurso é uma teoria que considera o processo de constituição sócio- histórico e ideológico do sujeito, relacionando fatores ideológicos em que linguagem e sociedade se constituem mutuamente.

Sendo assim, não podemos deixar de fazer algumas considerações referente ao silêncio, que é uma das formas de discurso, e este tem sua significação própria, é o que podemos chamar de o não-dito, visto do interior da linguagem e este “ não é o nada não é o vazio sem história. É o silêncio significante. (Orlandi, 1997: 73). O mesmo atravessa palavras ou o que existe entre elas, indicando que o sentido pode ser outro.

O Silêncio serve também para produzir uma certa resistência. Em uma determinada fala por exemplo (a do colonizador), muitas vezes já vem carregada de silêncio, servindo de resistência, e pondo em funcionamento o apagamento de determinados sentidos, que possam ser explicitados através de um enunciado realizado pelo indivíduo.

Contando um Pouco da Colonização de Mato Grosso

Mato Grosso encontra-se totalmente inserido na Amazônia Legal. Dessa maneira, teve seu território de uma hora para outra ocupado por camponeses, garimpeiros, posseiros e outras camadas da população que tivessem sido atraídas pelas propagandas de “grandiosidades” e “futuro promissor”.

Os discursos usados pelos políticos sobre a “valorização da Amazônia” e “ocupação dos vazios” demonstram ter ecos nos discursos dos políticos de Mato

Grosso, ganhando o reforço da idéia de acabar com o isolamento, ao qual o estado estava condenado desde a fundação de sua primeira vila.

Mato Grosso se inseria na “Política de Integração Nacional” como sendo o “portal da Amazônia”, talvez um dos lugares mais propícios para se desenvolver a colonização do Norte brasileiro:

“Mato Grosso, estado agrícola por sua excelência, rico em recursos naturais, abundante em terras, mas também subpovoado como atestava sua densidade demográfica menos de 0,6 habitantes por quilômetros quadrado, na época), era o território ideal para a implantação da política em causa. O boi para alimentar o mundo, e a terra para aqueles que dela eram banidos no Sul, no Nordeste e nos diversos azimutes nacionais, fariam deste Estado o “Paraíso” que “salvaria a nação da crise, e traria a paz tão desejada”.(OLIVEIRA, João Mariano- 1992)

Porém as terras amazônicas não se transformam em paraíso por acaso. A escolha de estado como “Portal da Amazônia, se dá pela estrutura já preparada para receber os investimentos particulares, sem se colocar em risco o capital investido, como a criação e efetivação do BASA (Banco da Amazônia S.A) e a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) que fortaleceriam os empreendimentos através de programas de estímulos, créditos e colonização” (OLIVEIRA, João Mariano “A esperança vem na frente” 1983 p. 66).

Outros incentivos à entrada de Mato Grosso foram a construção de estradas, um meio de comunicação importante que vinha de encontro ao sonho de muitos em ligar mais facilmente o estado ao sul do país.

Apesar de todo ufanismo e todas as promessas, e esperanças em torno de Mato Grosso, a ocupação de suas terras, não foi diferente da ocupação do resto da região Norte do Brasil.

Atrás de terras para produzir, um grande contingente de migrantes veio à Amazônia e em particular ao Portal da Amazônia, o Mato Grosso, incentivados pelo projeto de Integração Nacional que lhes prometia uma realidade diferente daquela que os fazia sofrer tanto. Em busca do paraíso, os colonos vinham sem dinheiro algum, apenas com a sua vontade de trabalhar. Faziam a sua reforma agrária espontânea, sem a interferência burocrática ou técnica do governo. Mas sua produção acabava sendo apenas de subsistência, isto é, apenas para satisfazer suas necessidades. Estes mesmos posseiros acabavam sendo os pioneiros da região, preparando o terreno para a colonização oficial ou particular; assim, faziam o “trabalho sujo” isto é, envolviam-se nos conflitos mais intensos, com os índios e mineradores por exemplo, deixando o campo livre para as colonizadoras.

A colonização oficial nunca chegou a ser um projeto de grande peso no estado, os incentivos que tornavam possível a construção de infra –estrutura e que ajudariam na colonização eram predominantemente estatais. Porém, a ocupação do estado se deu através das grandes empresas e das colonizadoras particulares, que se valiam dos incentivos fiscais postos à sua disposição pelo estado. Até o ano de 1978, o “INCRA, ainda não havia implantado nenhum projeto de colonização oficial e as grandes empresas agropecuárias já tomavam conta dos grandes espaços no Norte de Mato Grosso.(CASTRO: 1994: 77)

Os colonos que conseguiram lotes de terras, demonstraram muitas dificuldades para mantê-los. Depois de alguns anos, o capital monetário que haviam trazido do Sul acabava, e eles eram obrigados a proletarizar. Outro ponto negativo era a total falta de seriedade do Estado e das empresas que colocavam terras de baixa qualidade ou inférteis à disposição dos programas e projetos de colonização. A colonização oficial na década de 70, em mato Grosso foi quase que inexistente, o que deixava muitos migrantes desamparados frente às colonizadoras particulares.

Mato grosso era o “paraíso” só para os grandes empresários da colonização e para o estado que se beneficiavam com os empreendimentos da colonização, agropecuários, agroextrativos, agroindustriais, etc. Muitas áreas de colonização foram abandonadas, restando poucos colonos que tentavam resistir a mais um fracasso. Migravam para outros lugares no interior do estado, e principalmente para Cuiabá que

sofreu um inchaço urbano. Esses colonos trocavam uma vida sem futuro no campo por outra sem futuro na cidade.

O MUNICÍPIO DE APIACÁS

Apiacás. Um nome estranho. Quando alguém enuncia, nosso imaginário nos leva a pensar em índio, pois a denominação Apiacás é uma homenagem ao índio Apiaká, primeiros moradores desta imensa região.

Mal começaram os primeiros agricultores a se instalar, e a febre do ouro atropelou os planos da grande maioria. Como num passe de mágica, o núcleo se encheu de gente. Aventureiros corriam aos bandos. A situação fugia ao controle. O núcleo urbano parecia mais um formigueiro humano.

Com aquele enorme contingente populacional, vieram os problemas. A falta de uma estrutura básica obrigou as pessoas a se aglomerarem em núcleos de barracos sem as mínimas condições de higiene, trazendo diversas doenças e as dificuldades comuns a todos os aglomerados, onde muitos dividiam o mesmo espaço.

Num espaço temporal muito curto ocorreram transformações inúmeras que desnortearam os pioneiros que vieram com uma visão agrícola. Suas identidades foram transformadas através da grande variedade cultural trazida pelas pessoas que vinham de várias regiões, fundindo as diversas culturas.

Durante esse período, observou-se que a população apiacaense era constituída de aproximadamente 69.595 pessoas, sendo que 6.722 residiam na área urbana e 8.324 moravam na zona rural e a maior parte então (54.549) era formada por garimpeiros (população flutuante).

Assim se desenvolvia Apiacás no Norte do Estado de Mato Grosso, fazendo parte da Bacia Amazônica.

O município de Apicás tem uma extensão territorial de 20.630,19 km², com clima equatorial quente e úmido, temperatura anual média de 24 °C. faz limites com o município de Paranaíta, Nova Monte Verde, Cotriguassu, Nova Bandeirantes, e com os Estados do Amazonas e Pará.

As atividades programadas para a colonização do município vinham da Colonizadora Indeco (Integração, Desenvolvimento e Colonização). Em maio de 1983, iniciou-se o loteamento do núcleo de Apicás pela mesma colonizadora.

Após a demarcação dos lotes urbanos e rurais, eles passaram a ser comercializados. A proposta era de que nesta região fossem desenvolvidas atividades agropecuárias. Com essas atividades surgiram as crises econômicas. O povoado cresceu, forçando assim a criação do distrito. Nessa época, as pessoas começaram a encontrar ouro na região. E em 1984, estourou forte o garimpo.

Em 6 de julho de 1988, pela Lei Estadual nº 5.322, foi criado o município com a denominação de Apicás.(Cidades de Mato Grosso p. 27, 28)

A base econômica que antes era concentrada no extrativismo mineral, hoje se fortalece na agropecuária bem como na extração de madeira, contando com onze serrarias e três laminadoras.

Segundo dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2001), contamos com uma população de 6.659 habitantes, vale ainda ressaltar que esta população deixou de ser flutuante, fixando raízes no município contribuindo então para o desenvolvimento de Apicás.

REMEMORANDO A HISTÓRIA APIAKÁ

Apiaká é a denominação pelo qual os habitantes da Terra Indígena Apiaká são conhecidos e se reconhecem e vem lhes sendo aplicada desde o início do século XIX. É uma variante da palavra tupi “apiaba”, que quer dizer “pessoa”, “gente”, “homem”, não sendo, pois originalmente um etnônimo. Seus vizinhos Kayabi os denominam Tpy’iting ou Tppii’sin, isto é, “gente de cor clara”. A língua Apiaká pertence à família Tupi Guarani, tal como a de seus vizinhos Kayabi. (Coimbra@siteplanet.com.br).

Em consequência do processo de colonização, da explosão demográfica ocorrida na Terra Indígena Apiaká os mesmos dispersaram-se para grandes cursos fluviais como Rio Arinos, Juruena e Teles Pires. A maior parte de sua população encontra-se aldeada na Terra Indígena (T.I) Apiaká-Kayabi, cortada pelo Rio dos Peixes.

Tem-se notícia de um grupo arredio que formou-se devido a um massacre e ao afastamento de parte dos sobreviventes, cuja população é desconhecida. Em 1978, moravam na T.I Apiaká 71 pessoas, foram reduzidas a 52 em 1984, devido a migração para as cidades de Juara e Porto dos Gaúchos.

Durante o século XIX muitos viajantes desenvolveram relações pacíficas com os Apiaká. Porém, no início do século XX foram massacrados por seringalistas, e devido a esse fator ficaram impossibilitados de sustentar o seu tradicional modo de vida.

Em suas guerras no passado, muniam-se de arco e flecha e lanças. Seus tradicionais inimigos eram os Munduruku, Tapayúna e Nambikwára. Eles sacrificavam os prisioneiros de guerra adultos que eram consumidos ritualmente. O direito de ingestão de carne humana era reservado àqueles tatuados com um quadrilátero em volta da boca, marca trazida pelos índios Apiaká que foram submetidos a um ritual de iniciação.

Os Apiaká abriam suas roças, utilizando machado de pedra com cabo de madeira para derrubar a mata, possuíam reputação de agricultores e viviam também da caça e da pesca. Atualmente, utilizam foice, machado de aço e moto-serra para abrirem suas roças, em que cultivam arroz, banana, cará, abacaxi, e dezenas de árvores frutíferas

e principalmente, a mandioca e o milho. Além disso, sua alimentação é complementada com a caça, pesca e criação de animais domésticos.

Os Apiaká acreditam num Deus criador do céu e da terra que mostra sua fúria através dos trovões.

Atualmente é difícil quanto mantêm suas crenças tradicionais, o quanto acreditam em formas de religiosidade popular ou quanto são católicos.

Antigamente eles praticavam a dança ao som de flautas de bambu, tocadas pelos homens. Hoje já não praticam essa cerimônia, pois passaram a adotar as datas festivas do calendário nacional.

Em relação a saúde, os Apiaká dizem que há as doenças do “civilizado” e as deles. Para debelar os males provenientes dos brancos, recorrem a farmácia da Missão jesuíta.

A marginalização, as doenças, a extinção ou a morte, parece o destino desse povo.

Dentre estes e outros fatores, que afetam a cultura dos Apiaká, sabemos muito bem que o problema indígena no Brasil não é do índio, mas um problema que nós “civilizados” criamos para eles.

Se hoje o índio tem dificuldades com a demarcação de suas terras, foi por que nós “civilizados” a tiramos; se têm problemas com a saúde foi porque introduzimos entre eles as doenças antes desconhecidas.

E agora não sabemos resolver o problema que criamos para eles. Não sei se não sabemos ou se não queremos; talvez sejamos um tanto ignorantes, porque não refletimos sobre as ações praticadas contra os índios. E como os povos indígenas não se encontram em condições de sozinhos, reverter essa situação, algumas instituições se dispõem a pedir proteção, para que não venham a se extinguir.

ORGANIZANDO E ANALISANDO O CORPUS

Para trabalhar o tema EM BUSCA DE UMA MEMÓRIA SILENCIADA, teremos como base os relatos dos desbravadores dessa região. História narrada pelo povo que participou ativamente do processo de colonização da região de Apiacás.

E, para dar maior suporte a este trabalho, buscamos informações em outras fontes, ou seja, bases teóricas para este fim.

Através da memória pessoal, pretendemos desvendar a memória cultural e grupal, como sugere Taussig (1.993: 345) “a conexão entre história e a memória... tem pouco em comum com a visão historicista dos acontecimentos, que se desdobram progressivamente através do tempo”.

Realmente o que se vê por aí, é a versão do poder. A voz do índio não possui eco frente aos poderosos.

Segundo o mesmo autor, Taussig mostra que “articular o passado historicamente não significa reconhecê-lo ‘como realmente foi’, significa apoderar-se de uma recordação assim que ela irrompe, em momento de perigo” (1.993: 346).

A grande massa de índios e brancos que luta com dificuldades, se vê forçada a deslocamentos constantes para sobreviver, fazendo de seu sacrifício o sucesso dos empreendimentos das colonizadoras. E essa gente é espoliada de seu direito de manter os vínculos com o passado, a relação com outros seres, com sua cultura e raízes.

Eclea Bosi sugere que: “Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos, certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro

sobre outros vínculos sociais (...) Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças”. (1.998: 443).

Através dos relatos poderemos mostrar a realidade do índio Apiaká, suas lutas, alegrias e suas frustrações. E, por meio dessa invasão de seu mundo, reconstituir a história do povo Apiaká na visão dos precursores do município de Apiacás. As pessoas que aqui moram, lutaram e enfrentaram as agruras que todo processo de colonização impõe, também sua versão dos fatos ocorridos e de toda uma vivência.

Nessa peregrinação, laços importantes foram rompidos; seu passado e sua cultura se tornariam lembranças.

E as vidas que restaram, tombam hoje pelas mãos do descaso daqueles que os “deslocaram” para longe de suas terras de origem.

ANALISANDO

As entrevistas a seguir foram realizadas em dois grandes momentos; o primeiro foi com relatos e entrevistas com pioneiros do município de Apiacás.

Dos entrevistados todos chegaram na região entre 1982 a 1986, de forma realmente espontânea, transportaram para um passado remoto e as lembranças dos tempos são narrados pelos entrevistados, e registrados por seus entrevistadores.

O segundo momento (entrevista com Pedrinho Kamassuri, segue em anexo) que marcou esse trabalho foi inédito para nós. Estivemos recentemente com alguns componentes dos povos Apiaká. O passado foi narrado, as portas foram abertas e voltadas para o presente.

Antes de iniciar a análise dos relatos e entrevistas, queremos ressaltar que o corpus que organizamos é heterogêneo, composto de relatos e entrevistas com moradores antigos de município, que trazem consigo a história de Apiacás. E esta se deu muito antes de ser oficializada a colonização da mesma, pois no livro A LENDA DO OURO VERDE, retrata muito bem essa questão.

É necessário lembrar que a história oral é colocada como base de reflexões sobre a linguagem, tanto na compreensão de seu funcionamento, quanto da representação que os sujeitos fazem da língua.

O principal interesse na organização desta coletânea, é encontrar um meio adequado para comentar as informações orais coletadas no decorrer deste trabalho, e delas retirar o essencial para comprovar o que estamos buscando a um certo tempo. E estas permitirão revelar o que de fato aconteceu, comprovando assim nossas suspeitas. Destas serão preservadas as características de sua construção e enunciação.

Obsevemos o que diz o entrevistado I A

Há uns ano atrás quando vim pra essas bandas em 82 (1982), aqui era tudo mato, tinha algumas estradas abertas qui o seu Ariosto abriu com a Indeco... as ruas da cidade parecia mais um furniguero, tinha tanta gente e barracos de garimpeiro que deu até medo... Mas como viemos pra trabalhar na terra... ter meu pedaço de chão pra plantar...

Mais aí o garimpo tava uma fofoca danada, e tinha muito oro naquela época... o que a gente plantava só dava pra cume memo... preçu num tinha.

Então falei pra minha família que ia tentar a sorte no garimpo.

Muitos compahero meu disseram pra eu toma cuidado porque tinha índio que rondava os barraco... e que até chegaram a roubar mantimento.

Lembro que um dos companheiro me disse que já tinha até dado uns tiro de espingarda em uns... ele falo que muitos índio morreram porque comeram comida envenenada...

Sabe dona nós sofremo muito aqui nesta região... mas agora esta tudo bem.

Ao lermos os relatos e as entrevistas dos antigos colonizadores, e o livro de Regina Beatriz, A LENDA DO OURO VERDE, foi possível perceber explicitamente as intenções da Colonizadora Indeco, e do senhor Ariosto da Riva para com as terras

apiacaenses, ao qual o mesmo denominava “Projeto Apiacás”. Essa área de terra deveria ser colonizada a qualquer custo, nada iria impedir as intenções do colonizador.

É importante salientar ainda que, para manter o seu domínio sobre as terras, a empresa *“tinha que enfrentar várias frentes, pois a área na qual estavam sendo implantados os trabalhos de colonização, era foco dos mais diversos interesses e conflitos sociais. Era território de povos indígenas”* (Lenda do Ouro Verde, 2002, 104)

Segundo nosso entrevistado, realmente existiam índios nesta região, e os mesmos, pela sua fala morreram porque comeram comida envenenada, e outros por enfrentarem os invasores de suas terras (os ditos civilizados chamados garimpeiros), isto é, por reivindicarem suas terras de volta, e devido a isso houve muitas mortes, afastando-os então de suas terras de origem, de seus costumes e culturas.

Orlandi (1990) diz que “essa divisão civilização/cultura transplantada para o colonizado se instala, no mínimo, em uma contradição. Nós submetidos aos desígnios (deve ser) da civilização ocidental, somos seres culturais, sobretudo quando resistimos em nossas diferenças, mas para isso perdemos a possibilidade de termos uma história. Já que é pela parcela que nos cabe na civilização ocidental que somos contados em uma história (a da colonização)”.

Ao longo de nossa história, as sociedades indígenas enfrentaram todo tipo de violência. A colonização requeria terras que pertenciam aos índios, e que delas têm sido expulsos desde o descobrimento.

Atualmente, a violência persiste, a expropriação da terra continua sendo motivos de chacinas, assassinatos e violência física. Desde os anos anteriores a expansão econômica vem crescendo, acelerando o conflito e a relação desarmônica entre sociedade branca e indígena.

Observemos o que diz o entrevistado II B, no fragmento abaixo:

Bom quando eu cheguei aqui em 86 (1986), esses três bairros num existia antes, era tudo mato... na beira das avenida era uma fileira só de barracos dos garimpeiro que vinha do garimpo.

Quando vi onde eu vim para fiquei com medo queria voltar pra Bahia... tinha tanto garimpeiro que só vendo...

Quando nós chegamos aqui no sítio, tinha muitos pedaços de vasilhames de índios, alguns estavam até inteiros, panelas, pratinhos, machadinhos de pedra com

cabo de pau, e até um negócio de pedra que parecia um paliteiro... precisava de ver... tudo muito ingraçado bonito de ver.

O que sei dos índios Apiacais, é que eles foram despejados pelo Ariosto

. em uma reserva... não lembro o nome... Ouvi dizer que muitos até morreram de tiros... outros foram envenenados pelas comidas que jogavam de aviões para eles... quem mandava era o Ariosto da Indeco

Na fala do entrevistado II B percebe-se o sofrimento das primeiras pessoas que aqui chegaram, ao se deparar com a região na sua fase inicial de ocupação e colonização mal planejada, devido a falta de infra- estrutura. A carência de estradas de acesso às áreas de colonização, a escassez de escolas e hospitais, a inexistência de auxílio técnico aos colonos, a ausência de linha de crédito. Fadada ao insucesso as precárias condições de vida e trabalho dos colonos ficaram marcadas nas dificuldades encontradas por eles para extrair da terra a sua subsistência familiar.

Através do depoimento, pudemos perceber a presença marcante do índio em razão dos objetos encontrados por ele (entrevistado). Quando menciona sobre a exterminação dos índios, relata que os mesmos foram despejados pelo Sr. Ariosto da Riva em uma reserva indígena, não se lembrando do nome da mesma, pois não se interessa por essa questão, caindo no esquecimento. Lembrando-se apenas do ocorrido com os Apiaká, salientando que *foram envenenados pelas comidas enviadas pelo Sr. Ariosto da Riva através de aviões.*” Fica claro neste fragmento, que, para controlar a área a ser colonizada, seria preciso à adoção de um plano sofisticado e eficiente, para desarticular e até mesmo dizimar os grupos indígenas que aqui habitavam. E para a

realização desse plano seria utilizado os mais diversos procedimentos para garantir a desocupação da área projetada.

Essa é uma situação pela qual passaram os índios Apiaká. Não só na região mato-grossense, mas em outras áreas que foram colonizadas, em outras regiões do Brasil, onde os índios eram tratados como escravos e como obstáculo ao progresso.

A luta pela demarcação das terras indígenas envolve determinadas questões de preservação que são: enraizamento, a cultura e a identidade étnica de cada sociedade.

Ao perder o seu território tradicional, um grupo indígena perde muitas referências da

memória coletiva. O espaço onde vivem é um suporte de referências culturais para todos os povos e em todos os tempos. Porém, os objetivos da colonização só poderiam ser alcançados pela expropriação territorial, a escravidão e destribalização, desorganizando então as instituições tribais que garantiam a autonomia dos nativos, que passam a ser vistos como ameaça aos brancos.

O entrevistado III C diz o seguinte:

Nós viemos para Apiacás por causa de umas propaganda que uns amigos nossos fizeram. Eles disseram que quem abriu estas terras foi o seu Ariosto com a Indeco, e que ela facilitaria a compra das terras, porque aqui era uma região boa pra adquirir terras e planta.

Achamos muito estranho este lugar, porque na época que viemos pra cá tinha muito pouca gente interessada em planta a gente não tinha apoio, e a cidade era infestada de garimpero... era barraco pra todo lado... Ouvi dizer que tinha até índio nas região de garimpo.

Eu sei que há muitos anos atrás, acho que.... uns vinti ano atrais mais ou menos, existia uma aldeia de índio chamada Apiaká... tinha mais ou menos uns duzentos índios, e que teve um massacre de índio naquela época...os garimpeiro... eles quase acabaram com os índio...

Como podemos ver no relato do entrevistado, essas famílias que chegaram até aqui, realmente se caracterizam como pequenos produtores ou trabalhadores ligados

à terra, com insuficiência de qualquer tipo de recursos, que arriscavam suas vidas em busca de melhorias, e estas seriam conquistadas a qualquer custo.

Segundo Orlandi (1990) “*é o poder que está em questão, e a política representada pelo branco exerce uma função esmagadora sobre o índio, produzindo o apagamento de sua cultura e até mesmo de sua existência.*” E esse apagamento de cultura se deve aos confrontos que os mesmos tiveram entre garimpeiros e seringueiros.

O entrevistado se esforça para lembrar-se dos anos em que os índios Apiaká passaram pela região dizendo *acho que ..uns vinti ano atrais mais ou menos, tinha mais ou menos uns duzentos índios...*, não sabendo exatamente a quantidade de índios existentes nesse período não sabe ou não quer comentar, pois algo faz com que se cale, ocorrendo então nesse trecho a presença do silêncio como apagamento.

O silêncio, entretanto, tem sua própria linguagem, visando mais ao efeito do dito, do que a informação, provocando uma influencia duradoura sobre os indivíduos.

No trech...*e que teve um massacre de índio naquela época...os garimpero...eles quase acabaram com os índio.* Mais uma vez vemos explicito na fala desse indivíduo que os garimpeiros da época também foram responsáveis pelo quase desaparecimento do índio Apiaká (além da Colonizadora Indeco é claro).

A maior dificuldade dos índios está em manterem seus direitos sobre a terra que um dia ocuparam. As “pressões”, no sentido de desocupá-las são cada vez maiores, visando interesses próprios. E é talvez devido a má orientação da política nacional que faz o progresso passar por cima das aldeias, utilizando sua ecologia, desrespeitando a vida. O índio têm suas especificidades culturais, e é preciso respeitá-las.

Observemos o que diz o entrevistado IV D:

O contato com esses índios foi através de uma exploração de garimpo... só sei que muito garimpeiro morreu com flechadas.

Lembro que numa caçada perto do São Benedito quase fomos mortos... se não fossem os tiros de espingarda... O barulho fez o índio levarem um susto danado... Acho que essa aldeia existe até hoje, mais acho que os índios Apiaká estão todos espaiados pela região.

Os acontecimentos descritos no trecho acima são momentos marcantes na história dos pioneiros da região, e dos índios Apiaká, e seu lugar de origem, confirmando assim os relatos dos antigos moradores.

Partindo dessas informações e de tantas outras que ouvimos, podemos dizer que realmente estas épocas foram difíceis, principalmente, para as etnias indígenas, e isto em termos gerais, por que os índios não eram perseguidos apenas pela ocupação de terras, mas até mesmo por terem uma cultura diferenciada dos brancos. E assim passam anos e anos. Perseguidos, espoliados de suas terras e lembranças, impedidos de viver a seu modo e em paz, alguns povos são exterminados, mortos; outros fogem para territórios inexplorados desconhecidos dos brancos. É difícil calcular o tamanho do esforço que os índios Apiaká tem que fazer para conviver com a sociedade brasileira e até mesmo junto as outras tribos que não sejam a sua, misturando suas raças, desestruturando costumes e culturas próprias, num propósito talvez de garantir um futuro para si mesmos.

A questão indígena esta longe de ser um “problema dos índios”, no entanto ela diz respeito a todos nós. Cabe a nós decidirmos se queremos uma nação justa e respeitosa dos direitos das pessoas.

A VOZ DE PEDRINHO KAMASSURI

Esta entrevista nos foi concedida no dia 17 de setembro de 2004, durante uma “visita” dos Índios Apiaká ao município de Apicás. O propósito dos mesmos era questionar os planos da FUNAI. Impedir que dividam as terras dessa região com os Kayabis.

Os Apiaká não querem dividir as terras com os Kayabis, querem terras somente para seu povo, para poderem se unificar e a população crescer como uma “*só, sem mistura, um povo só nosso*” (Pedrinho Kamassuri)

Querem terras virgens com vegetação densa muita caça e muitos peixes um lugar para viver e criar suas famílias. Não querem fazendas.

Pedrinho Kamassuri diz: “*o que nós vamos fazer com pasto e gado? Não tem onde caçar.*”

Pedrinho Kamassuri, com aproximadamente 50 anos de idade é morador da aldeia Apiaká Kayabi , localizada em Juara-MT, em visita ao município de Apiacás, contou-nos que a muitos anos atrás eles passaram por estas terras.

Pedimos-lhe para que nos contasse a sua história, e de seu povo, e de como se deu o contato com os brancos.

“Antes dos branco chegarem agente vivia em paiz, caçava, pescava, e plantava só pra alimenta nosso povo da aldeia.”

Como foi o contato com os branco ?

Um dia vimos um grande barco voado no céu, com seus remo grande que girava... falava barco voado, não sabia que era helicóptero... Esse barco jogava caixa do céu pra gente, nós ficava assustado não sabia o que era... a gente abria a caixa com medo... abria pra ver o que era e experimentava, se gosto era bom a gente ficava, se não tinha gosto bom, jogava fora, não servia pra nada.

Foi desse jeito que conhecemo café e açúcar... primeiro veio o açúcar do céu, depois o pó preto, que misturava cum água quente, e açúcar e bebia... todo mundo bebia... misturava açúcar e água era bom.

Como vocês ferviam água ? Os brancos mandavam fogo também ?

Não. A gente tinha pau -de- fogo, o nosso fósforo. Por essas bandas aqui tem muito... é só sabe procura. Hoje não usa mais,... nós tem fósforo e outras coisa de branco... é mais fácil...

Que coisas são essas ?

Anzol, foice, machado, fogo... muita coisa...

E por que os outros Apiaká aqui presentes não falam língua Apiaká ?

Os padre proibiro da gente falar nosso idioma, por isso na minha aldeia só tem eu que falo... os outro índio fala português... o padre não deixava.

Quando a professora precisa, eu na escola pra insiná idioma.

E como eram essas terras ?

Ah,... essas terra tinha muita caça muito peixe, a gente vinha pra essas banda de barco pra caçá, pescá pra alimenta nossa família... essas terra tinha muito pexe... muita caça... bom pra alimentá nossa família.

E por que vocês não permaneceram aqui nestas terras, e foram para longe ?

Porque os branco foram chegando, e eles não gostava de índio e tivemos que ir afastando daqui... tinha muito branco na mata, garimpero... ficamos até sem farinha pras criança... não tinha o que come... morreu muito índio e criança... tiveram doença de branco...

E nesse afastamento, tiveram algum conflito com garimpeiro, seringueiros, ou colonizadores ?

O outro povo teve com seringueiro e garimpero... morreu muito índio... a gente não teve nenhum...só os branco não gostava de índio... fomos afastando... indo para longe... o contato com branco não foi bom não... muitos morreram... tiveram doença de branco.

Como assim, outros Apiaká ?

Dona somo em muito e ta tudo espaiado, não vivemo tudo junto, tem os Apiaká que fica lá pras banda do Pará... esses enfrentaro os seringueiro... tem outros dentro da mata... esses a gente quer encontra pra fica lá na aldeia.

A gente quer vim pra cá... mas só nosso povo Apiaká, não queremos outro povo junto. FUNAI quer traze Kayabi pras mesma terra que nós... nós não quer. Queremo um povo só nosso, não queremos mais mistura, vamos volta... queremos terra

vige, não queremos fazenda... o que vamos fazer com elas ? Não dá pra caçá e nem pesca. Tem um povo nosso aqui perto... queremos um lugá só nosso pra vivê.

CONCLUSÃO

Não se pode dizer que as discussões feitas no decorrer deste trabalho são definitivas, pois pretendemos ir em busca de outros fatos que norteiam ou nortearam a trajetória Apiaká. Queremos em uma outra pesquisa, buscar relatos e histórias sobre a colonização dessa região na visão dos mesmos. Porém, vale fazer algumas considerações para então finalizar mais esta etapa de meu trabalho.

No decorrer das investigações, leituras e análises dos relatos, pudemos perceber que até o momento, os enunciados se referem as questões: **Colonizadora Indeco, e envenenados a mando do senhor Ariosto da Riva dono da própria colonizadora e garimpeiros.**

Sendo assim, percebe-se que o responsável pelo “desaparecimento” da maioria dos Apiaká, é o próprio feitor do Projeto Apiacás, porque em uma de suas falas, pode-se perceber claramente suas intenções para com esta terra; *“nada deveria impedir a ação de um empresariado empenhado em promover o bem-estar social”* (Lenda do Ouro Verde, 2002, 101). Isso quer dizer que ele passaria por todos os obstáculos, quaisquer que fossem para atingir seus objetivos.

Como vimos; posseiros, garimpeiros e agricultores, tentavam a sorte em Apiacás e dentre estes estavam aqueles que, crendo no enriquecimento rápido e fácil a qualquer custo, gastaram suas vidas nas frentes de exploração buscando melhores condições de subsistência. E com sua ganância levaram a quase extinção os índios que aqui habitavam.

Em síntese, este trabalho não reproduz senão mais uma etapa do aprendizado a que nós nos submetemos. Quem sabe a descrição desse esforço de aprendizado tenha alguma utilidade para outros.

Assim esperamos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 5ª edição, 2003.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Terra à Vista: Discurso do confronto: Velho e novo Mundo*. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALO, Fernando. *Vozes e Contrastes: Discurso na Cidade e no Campo*. Campinas: Cortez, 1988.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade; Lembranças de Velhos*. 5ª edição. São Paulo, Companhia da Letras, 1998.

TROMPSON, Paul, *A Voz do Passado; História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TAUSSIG, M. *Xamamismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1993.

GALLOIS, Dominique Tilkin. *Mairi Revisitada a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi*. Núcleo de história Indígena e do indigenismo da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1994. São Paulo.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. 1ª edição. Unicen, Cuiabá – MT – 2002.